

## **Trans em "transição": um processo de transexualização<sup>1</sup>**

Marina Cápua Nunes (UFJF/ MG)

Palavras-chave: Transexualidade; Trajetória de vida; Militância

Este trabalho apresenta uma trajetória de militância trans na cidade de Juiz de Fora – MG, a de Beatriz entre 2011 e 2016 que intersecciona o caminho da implementação das primeiras políticas públicas para a diversidade sexual e de gênero no Brasil que, por sua vez, enfrenta conflitos sexuais nacionais que reverberam na cidade mineira de Juiz de Fora. Beatriz participou da fundação do "VisiTrans" e atuou no "Coletivo da Diversidade Sexual e de Gênero 'Duas Cabeças'". Como Beatriz reivindica: "minha luta é pelas pessoas que passam pelo que eu passo", ou seja, pelas faltas e falhas de políticas públicas que tratavam sua subjetividade como patológica ao invés reconhecer a autonomia de pessoas trans como efetivamente sujeitos de direito.

Para evidenciar as estratégias individuais acionadas e negociadas por Beatriz no contexto de Juiz de Fora, recorro a ferramentas metodológicas para história de vida desenvolvidas por Gilberto Velho (2013) como “projeto individual” que diz respeito à “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (SCHUTZ, apud VELHO, 2013:132) e “campo de possibilidades” a fim de não perder de vista a forma como o processo sociocultural realiza-se para lidar com o possível “viés racionalista” de projeto individual. E, assim como as pessoas mudam, parafraseando ainda Velho (2013), os seus projetos também podem mudar: “Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação se dá ao longo do tempo e contextualmente” (VELHO, 2013:138). Neste sentido, estas ferramentas permitem perceber as mudanças que ocorrem no projeto individual de Beatriz em seu processo de transexualização, seja por processos tecnológicos de “transicorporação” (PRECIADO, 2014), que a levaram a pleitear vaga no “Processo Transexualizador”, ou por seu envolvimento em uma rede de militância no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora, graças às políticas de governo como “Brasil sem Homofobia”, que marcam o projeto de Beatriz de transformação corporal e as mudanças que sofreu ao longo deste projeto e a fez tornar-se militante e lhes conferiram certa “transautonomia” (BUTLER, 2009).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Especificamente este artigo apresenta uma análise etnográfica de como a trajetória de Beatriz se intersecciona a este campo de possibilidades (VELHO, 2013) de forma a interferir positiva ou negativamente em sua autodenominação de identidade de gênero. Por falar em autodenominação, quando conheci Beatriz em 2011 se dizia ser “*uma pessoa trans no período de transição*” e esta demanda passou a ser base para minha pesquisa de mestrado. A “transição”, segundo ela, poderia ser considerada como ter começado no final do ano de 2005 quando inicia sua busca pela cirurgia aos 25 anos de idade e conseguiria inserir-se no “Processo Transexualizador” em 2008; por meio dele recebeu o diagnóstico em 2009, quando também conseguiu acesso gratuito à hormonioterapia. No ano de 2011 abriu o processo de retificação do nome nos documentos civis e, em 2012, entrou com o pedido de depilação a laser dos pelos faciais. No começo do ano de 2013 realizou a “cirurgia de transgenitalização” e só depois de 10 anos do início de sua busca, em agosto de 2016 aos 35 anos de idade, conseguiu finalizar seu pedido de retificação de nome dos registros civis. Diante desta saga, chamo a atenção para o fato de que Beatriz, fez a retirada dos pelos faciais só depois da cirurgia, e, mesmo se considerando “adequada visualmente” como dizia, conviveu mais três anos com seu registro de nome civil “inadequado” ao seu gênero.

Então, diante disso, em que termos é possível pensar uma “transautonomia” para Beatriz? A transautonomia é problematizada por Butler (2009) ao questionar o diagnóstico que tornava patológica a transexualidade: estaria ele embasado nas normas de gênero e buscaria forçar a adaptação a tais normas, então sob que condições ele poderia garantir o acesso gratuito aos procedimentos? Seria válido nestes termos usufruir deste acesso exercendo uma autonomia limitada? A levar por base a biografia de Beatriz cujo processo durou 10 anos entrelaçados aos constrangimentos sociais e insatisfação pessoal em virtude desta espera, isso só ajuda a constatar que o diagnóstico atuava mesmo como uma regulação do gênero que paralisava a ação, uma vez que as condições sociais continuam enveredadas às normativas de gênero. Desta forma Butler (2009) propõe uma reflexão sobre a autonomia:

Num certo sentido, precisamos nos desfazer para que sejamos nós mesmas: precisamos ser parte de um extenso tecido social para criar quem nós somos. Este é um paradoxo da autonomia, um paradoxo é intensificado quando as regulações do gênero funcionam para paralisar a capacidade de ação do gênero em vários níveis. Até que essas condições sociais tenham mudando radicalmente, a liberdade requererá não liberdade, e a autonomia estará enredada de sujeição. Se o mundo social precisa mudar para que a autonomia se torne possível, então a escolha individual mostrará ser dependente desde o

início de condições que nenhum de nós produziu ou desejou e nenhum indivíduo será capaz de fazer escolhas fora do contexto de um mundo radicalmente mudado. A mudança vem de uma ampliação de ações coletivas e difusas que não seriam próprias a nenhum sujeito singular, ainda que o efeito dessas mudanças seja que se venha a agir como um sujeito. (BUTLER, 2009:122-123)

Logo, foram ações coletivas e difusas que se interpenetraram na trajetória de Beatriz por meio dos eventos acadêmicos, das participações no Núcleo de Psicologia Social da UFJF (Núcleo PPS), de sua participação nos movimentos de militância universitários, da articulação que realizou para o enfrentamento ao cerceamento de direitos. Em resumo, ações que foram tratadas com maior densidade na dissertação que vieram mudando a perspectiva de Beatriz de um discurso patologizante sobre sua subjetividade para um reconhecimento de sua identidade trans. E ao mesmo tempo suas próprias ações tem se somado a este espectro de mudanças como sua participação na Parada Gay de 2015 que trarei adiante.

Por sua vez a “transincorporação” está relacionada ao que Preciado (2014), em consonância com o movimento trans, tece de crítica à Butler (2003) no sentido de que sua teoria não contempla de forma satisfatória o corpo por sua “redução da identidade a um efeito do discurso, ignorando as formas de incorporação específica que caracterizam distintas inscrições performativas da identidade” (PRECIADO, 2014:92). Preciado (2014), então, fala da cisnormatividade que é, na verdade, complementar a perspectiva butleriana da heteronormatividade. A cisnormatividade diz dos modos como o corpo é construído e se constrói como identidade e problematiza como a mesa de atribuição de sexo define a identidade sexual a partir de um *a priori* anatômico-político que impõe esta coerência do corpo como sexuado. Por isso faz crítica à existência de operações de “readequação sexual” que “são a prova de que a identidade sexual (“normal”) é sempre, e em todo caso, o produto de uma tecnologia biopolítica custosa” (Preciado, 2014:128) através da qual os casos em que o corpo questiona a ordem heterossexual são considerados “atípicos”, “anormais” e o critério da visão faz a diferença sexual na tecnologia médica aplicada ao caso de pessoas trans e intersexo (PRECIADO, 2014).

O enfoque deste artigo é observar na trajetória de Beatriz as implicações deste aspecto material e visual forjado pelas tecnologias validado na cisheteronormatividade do diagnóstico. Em específico como a “barba” balizava as expressões de gênero de Beatriz: para se vestir, frequentar locais públicos, que incluía negociações com sua família e, em especial para seu envolvimento com a militância, que como ênfase a permitiu operar

ressignificações de injúria e deslocamentos das partes de seu corpo, dizer de sua força subversiva das suas identidade e corpo abjetos como desestabilizadores da cisheteronormatividade quando começa se afirmar através da marca corporal do pomode-adão como transexual.

### **Transicionando 1: de “alienígena andrógina” à “piriguete comportada”**

A decisão de Beatriz de explorar outra expressão de gênero ocorreu quando foi convidada para uma festa de formatura e a ocasião lhe exigia uma roupa formal, e até então Beatriz “sempre” teria a preferência em usar roupas mais “andrógenas” e afirmava “nunca me vesti como homem”. Mas, como dizia, “a ocasião pedia” então não teve outra opção que não se vestir com trajes que considerava “o ápice do masculino”. Isso, e sua busca pela cirurgia, inclusive, trouxeram consequências, como a negação dela de frequentar outros espaços e quando resolveu, depois da festa, assumir ainda mais as roupas andróginas, algumas de suas amigas foram se afastando dela. Uma preocupação de Beatriz, que a fez adotar um visual andrógino, era de se precaver da possibilidade de ser agredida ao buscar uma negociação entre sua aceitação social e a vontade de se expressar conforme outro gênero que não aquele que foi assignada ao nascer, como se pode notar pelo grifo 1 e 2 na fala a baixo:

*Isso quando eu comecei a procurar a cirurgia eu comecei a me transformar visualmente. E então eu usava pantalone ou uma calça boca de sino jeans mais moderna, digamos assim, poxa numa sociedade hoje em dia em que muitas pessoas modernas estão sendo aceitas com roupas unissex ou posso dizer roupas quase andróginas, né? Eu seria menos agredida por que ainda é permitido usar esse tipo de roupa [1] então eu usava uma calça pantalone jeans mais moderna uma calça boca de sino mais moderna e com uma camiseta que homem não usaria, né? Mas eu num colocava sutiã de enchimento. Já deixei meu cabelo crescer usava brinco, anel, só não passava batom. Eram brincos menorzinhos para não destoar também do visual. Porque era um visual realmente era andrógino. [2] Então quando eu comecei o tratamento o psiquiatra falou que eu era andrógina, mas não falou com aquele tom de crítica, só comentou: “eu te vejo muito mais andrógina, em termos visual” [3]. Mas aí eu acho que depois disso eu comentei com ele que eu só ia me sentir confortável em estar adequada visualmente depois de primeiro eu tivesse um pouco de peito? Porque o hormônio faz desenvolver menos pelo no corpo, né? Mais formas, né? Porque eu sempre fui muito magrinha né? O corpo muito reto né? [4] E foi dito e feito conforme os hormônios foram agindo no meu corpo fui passando a usar agora blusas femininas, né? E de acordo com meu corpo como eu ainda não usava sutiã eu usava camisetas femininas mais básicas sem nenhum decotinho pra não tá também muito destoando. Só fui usar sutiã quando eu já estava com um pouco de peito [5]. E aí sim eu passei a me vestir mais próximo do que como é que eu posso dizer... Do que eu sou né? Uma mulher. E isso foi gradativamente e hoje estou mais próxima ainda, estou usando vestido, usando saia embora eu não tenha feito o laser no rosto. Eu já estou me permitindo usar roupas bem femininas apesar de*

**ter essa característica masculina que é a barba e o pomo-de-adão.** [6]  
(Beatriz, 12 de julho, 2012)

Esta fala foi selecionada porque nela Beatriz aborda desde sua “*fase andrógina*” até quando começa a afirmar-se como “trans em transição”. O grifo 3 é para demonstrar como aponta Butler (2009) que o olhar do diagnóstico é heterocentrado, não apreende a negociação que Beatriz fazia entre os desejos de expressão de gênero e a segurança em expressá-los, se preocupando apenas em rotular sua expressão de gênero sem relacioná-las aos limites corporais segundo um regime anatômico-político que coloca o corpo no campo do natural, e o objetifica (PRECIADO, 2014). Mas ao menos pelo que Beatriz contou, no grifo 4 o psiquiatra deu ouvidos à explicação dela. Novamente no grifo 5 aparece a preocupação de Beatriz de exceder-se ou se expor para além do permitido em seu visual andrógino.

E, no último grifo, começa a impor mais a sua vontade pela expressão de gênero que lhe é mais legítima em detrimento da socialmente aceita, mesmo diante de “características masculinas”. Este seu último posicionamento começa a aparecer depois que participa da II Semana da Diversidade da UFJF organizada pelo Mudd\*Se em 2011, e se intensifica depois que participa do 7º Encontro de Travestis e Transexuais, dois eventos que marcam sua saída do “*casulo*”, cujo início foi em seu período da escola quando veio morar em Juiz de Fora, e se intensifica quando decide buscar a cirurgia e amizades ficam para trás.

Contudo, neste interim entre “*fase andrógina*” e “trans em transição”, Beatriz realizava esta negociação também com sua família. Em nossa primeira entrevista Beatriz contou, sentada no sofá de sua casa, de uma ocasião que estava a passeio no Shopping com sua mãe. Ela parou por um momento, e como houvesse se lembrado de um desastre ocorrido naquele dia, abriu bem os olhos fitando o chão, com as mãos contidas sobre os joelhos sempre juntos, me disse: “*Foi um escândalo! As pessoas olhando pra mim como se eu fosse uma alienígena!*”. E voltou novamente a olhar nos meus olhos contando, séria, que quando entraram numa loja de departamento uma atendente a encarava tanto que: “*minha mãe cochichou comigo que estava com vontade de esganá-la*”.

Por causa de situações como estas, Beatriz passava por uma negociação constante com sua família sobre sua autodenominação de gênero e a pretensa incongruência com o seu corpo, sobre que roupa usar e em que ocasião. Esta ida ao Shopping narrada no mesmo ano em que ela aconteceu, foi um resultado desta negociação: a situação de

constrangimento despertou tanta indignação que sua mãe a presenteou com sua primeira saia. No entanto, tanto sua mãe quanto a irmã mais nova conversavam com Beatriz e ponderavam com ela para que mantivesse trajés mais masculinos *“até que pelo menos a barba raleasse pediam pra eu esperar. Queria privar minha família, mais que do que eu. Mas elas faziam isso mais por uma precaução, no sentido do cuidado, não uma imposição”*.(Beatriz, 09 de dezembro, 2011)

Nesta mesma entrevista, em dezembro de 2011, contou-me que havia entrado no Processo Transexualizador e descreveu os procedimentos: em 2007 foi submetida a atendimento psiquiátrico durante dois anos em sessões de 3 em 3 meses até receber o “laudo” em 2009. Mas, depois de um ano no atendimento psiquiátrico, em 2008, realizou consulta com o urologista para o tratamento hormonal que consiste em conjugar o inibidor da testosterona e o estrogênio e como efeito desses medicamentos confessou sentir transformações em seu corpo para a forma feminina. Em cerca de 3 a 4 anos de ingestão desses hormônios, que consistia na data da entrevista, dizia ter seus pelos diminuídos, como seu corpo modelou-se, chegou a engordar 3 kg, e que se antes se dizia bem esguia, na época dizia: *“tenho coxa, bunda tenho as curvas mesmo, meu rosto tá mais feminino o queixo mais arredondado a pele ficou menos oleosa a minha voz sempre foi assim como a da minha mãe”*. Fato que comprovei quando telefonava para sua residência e a mãe atendia e as confundia. Enfim, disse que o processo *“é ótimo”*, mas revelou *“apesar de hoje eu estar um caco: minhas pernas estão com pelos e a barba tá aí! O laser é muito caro e o programa não oferece. Ele oferece órgão sexual feminino, silicone...”*

A barba lhe incomodava demasiadamente, alegou naquela entrevista que na sociedade existem padrões e rótulos e a barba é um crucial, ela dizia:

*“Eu nasci infelizmente homem! O pomo também me incomoda muito!”* Naquela época fazia terapia há 5 anos com sua psicóloga. *“Meu corpo tá beleza... Mas meu rosto... As pessoas me confundem com homem”*. Disse que com relação ao emprego não se encaixaria nos padrões, dá o exemplo do Shopping *“Ou são meninas lindas ou homossexuais “estilosos”! Pessoas normais! Não estou me diminuindo, mas eu não sou! Eu sei que eu não sou!”*. Retoma a fala sobre a terapia feita em Juiz de Fora e coloca o posicionamento da profissional *“Beatriz você é uma mulher, se ame se permita viver como mulher, você pode namorar, ter amigos!”*.

Neste trecho destaco a implicação de um “tratamento” feito à custa da patologização da transexualidade quando coloca o usuário trans do Sistema Único da Saúde (SUS) numa situação em que sua totalidade corporal (PRECIADO, 2014) além de ser contestada pela incongruência entre a autodenominação de seu gênero e o sexo

masculino que lhe foi assignada ao nascer, agora estava sendo contestada pela fragmentação entre os efeitos da hormonioterapia, ofertada pelo Processo Transexualizador, em seu corpo e a permanência dos pelos faciais, não ofertada pelo mesmo Processo, faltando novamente a perspectiva da integralidade que este serviço deveria ofertar.

Desta forma uma incongruência entre seu “*corpo*” e a “barba”, foi um aspecto para não ser reconhecida como mulher, e ser tolhida em sua autoaceitação e socialização, como a fala da sua psicóloga sugere. Neste sentido, o atendimento para saúde psicológica via Processo Transexualizador, ironicamente também funciona para o suporte dos constrangimentos passados por Beatriz que são causados pela própria falha estrutural do diagnóstico e do SUS.

Ainda é muito importante perceber como esta falha na integralidade do Processo Transexualizador age para dificultar o acesso das pessoas trans ao mercado de trabalho sendo que já vivem em situação de vulnerabilidade, como a privação do apoio da família, e no mais das vezes, principalmente para mulheres trans, tendo a prostituição compulsória como forma de sustento econômico (ADRIÁN, 2010). Assim se o mercado já concebe a demanda de identidades sexuais que mantem a congruência entre sexo/gênero/corpo – inclusive a ideia de “corpo padrão” magro e branco – a fala de Beatriz denota que não existe ainda este espaço para pessoas que não se coadunam naquela congruência, principalmente se não estiverem estampando a totalidade corporal que expressam o seu gênero reatribuído pela mesa de operações da tecnologia sexual (PRECIADO, 2014).

Beatriz, durante o ano de 2011 não tinha descartado o uso de roupas andróginas e ainda não se considerava “*visualmente adequada*”. No entanto, na II Semana da Diversidade Sexual e de Gênero, organizada pelo Mudd\*Se em novembro daquele ano, Beatriz não se vestiu de forma andrógina. Estava de cabelos curtos e usando muita maquiagem, em específico o pó de arroz, para esconder a sombra da “barba”. Estava vestida com um conjunto cor de rosa claro que sua mãe a emprestara acompanhado de uma bolsa da mesma cor. Inclusive depois deste evento observei que em casa se trajava mais a vontade aproveitando as roupas que já tinha. Como, por exemplo, em nossa primeira entrevista usava um short e uma blusa que não correspondiam aos trajes que mais tarde ela usaria inclusive em casa, como vestidos ou saias, sendo que quando usava calça era tipo *legging* bem justas ao corpo com uma blusa mais comprida. Enfim, depois deste evento do Mudd\*Se ela não se vestiu mais de forma andrógina e foi compondo seu

guarda-roupas feminino aos poucos e, inclusive deixou os cabelos crescerem até final de 2015, como se pode constatar pela fala a seguir:

*A Semana da Diversidade, acaba que me marcou um pouco, essa decisão de assumir que eu sou uma transexual no período de transição, não quero mais ser uma transexual andrógina, quero me vestir conforme eu sou. Sabendo que eu sou uma mulher trans de barba ainda [1]. E foi através deste evento, desta Semana da Diversidade sexual que o Mudd\*Se desenvolveu na UFJF que eu pude encontrar pessoas que, digamos assim que... Me aceitavam do jeito que eu era, né?[2] Pude conversar com o João Nery que é trans, é... De estar é ouvindo pouco da história dele da trajetória de vida [3]. Poxa eu acho muito interessante você poder estar com pessoas que te aceitam como você, independente da orientação sexual delas elas te aceitam. Te respeitam e que não te cobram um padrão. Para você está ali, naquele meio, foi o que aconteceu. Foi a partir dali, daquele evento que eu falei: vou assumir que eu sou uma transexual no período de transição porque as pessoas estão acostumadas com as transexuais já totalmente é ... Adequadas visualmente, né?[4] Já operadas não, mas já adequadas visualmente, sem barba no rosto, sem pomo-de-adão, com peitão, com bundão sem costela né?[5] Pra ficar com cintura mais fina né? E... muito adequadas ao padrão de beleza da mulher, da mulher cis,[6] né? E quando vem uma pessoa, uma mulher trans no período de transição aquilo soa esquisito, soa ridículo, soa bizarro, né? E é muito difícil lidar com esse tipo de, digamos, uma condenação, né? Digamos as pessoas tem um conceito que a gente tem que ser assim ou tem que ser assado[7], e ... (Beatriz, 12 de julho de 2012)*

A seleção desta fala de Beatriz, vem demonstrar que sua “transição” de “transexual andrógina” para “transexual em transição” foi facilitada por sua participação na II Semana organizada pelo Mudd\*Se [1], onde pode encontrar um ambiente e pessoas acolhedoras que compreendiam seu impasse em sua integridade corporal [2], e pode se reconhecer em outras vivências compartilhadas ali [3], e descobrir uma possibilidade de aceitação social em meio a pessoas que defendiam a diversidade sexual e de gênero [4] e resolveu inserir-se e afirmar-se numa das tantas diversidades que descobriu ser tangível [5] naquele campo de possibilidades que o movimento de militância abria para o seu projeto individual de “adequação visual” encontrando na afirmação de si, de sua autodenominação de gênero de “trans em transição” fora do “socialmente aceito” [6] desconstruindo a ideia de que há formas substantivas de ser que devem ser seguidas [7].

Em outra entrevista realizada no dia 2 de maio de 2012, Beatriz quis contar-me da sua experiência de participação no grupo do Núcleo PPS. Comentara que na última reunião passou por “situações desagradáveis” que poderiam indicar até sua desistência de participar do grupo. Depois daquela reunião, ocorrida de praxe nas sextas-feiras pela manhã, o grupo foi a caminho de outra reunião com o Mudd\*Se. Na própria universidade, foi de carro com a Professora Coordenadora e respectiva orientanda. Beatriz estava no banco de trás com duas outras mulheres trans e uma moça do Mudd\*Se. Ao chegarem ao

destino, foi-lhes solicitada opinião sobre uma arte gráfica de um evento próximo do Mudd\*Se. Assim ela a descreveu:

*Era uma mulher de barba, o cabelo esvoaçante, uma mulher linda, mas de barba. Perguntei: Que isso, uma mulher de barba? Achei feio, sofro com o fato de ter barba. E V. me disse que era pra eu tirar com cera, pinçar... Falei que não dava ia ferir me machucar e ela voltou a dizer que seria só da primeira vez depois acostumaria, e disse: **‘Você tá assim porque você quer!’**[1] Sabe a pessoa fica te julgando: você é fresca por isso que você tá assim!”[Beatriz, 02 de maio 2012].*

Na conversa acontecendo ali, Beatriz quis saber se suas parceiras de grupo que se faziam presentes, conheciam pessoas como ela, ou seja, **“transexuais”**[2]. A outra mulher trans, R., a respondeu que conhecia uma pessoa. Quando Beatriz demonstrou interesse em conhecê-la para trocar informações acerca do Processo Transexualizador do HUPE, segundo Beatriz a reação de R. foi dizer que a menina era **“equivocada”** que não seria interessante **“fazer a cabeça dela”**[3]. Ao que Beatriz se expressou comigo: **“Como se a gente num fosse assim por ser assim não”**[4].

Beatriz ainda, ao se manifestar de forma divergente das outras, em especial de V. e R. pelo fato de que não gostavam de **“se rotular”** referindo-se às categorias de gênero, explicou pra mim:

*Pra ser alguém tem hora que você tem que aceitar. Todo mundo é ligado por alguma coisa. É preciso uma categoria para me definir para que as pessoas entenderem também. Por que a realidade é assim. Sem essa definição o SUS não me operaria, não podemos viver numa sociedade alternativa!”[5] Mas eu não sou hipócrita: tem gente que rotula para discriminar, eu não, é pra entender.*

Nesta mesma entrevista havia comentado que o mesmo Núcleo PPS, a convidara – juntamente com as demais pessoas que compunham o grupo que coordenava – a participar do 7º Encontro de Travestis e Transexuais da Região Sudeste que ocorreria na semana de 06 a 10 de maio de 2012, na UFMG em Belo Horizonte. Devido aos acontecimentos que narrou pra mim e expus em parágrafos anteriores relativos às outras duas membras do grupo ela estava inclinada a declinar do convite. Ainda naquela reunião dos acontecimentos desairosos, foi que surgiu o assunto sobre a ida a Belo Horizonte para o encontro de travestis e transexuais. Beatriz contou-me, então, que as pessoas reunidas ali comentaram de fazer cópias de músicas **“agitadas”**, de **“balada”** para se ouvir na viagem ao que Beatriz respondeu, segundo ela **“brincando”**, que preferia **“ver a paisagem a ouvir um som”**.

E a partir disso ela foi elencando este motivo entre outros para negar a possibilidade de ir a viagem, de “*por na balança*<sup>2</sup>” tal decisão. Porque segundo Beatriz:

*“Ao mesmo tempo que eu posso me sentir linda inteira, posso sentir uma insatisfação com seu corpo por conta de aborrecimentos como esses[6][referindo-se ao fato de ter sido questionada quanto ainda estar com barba]. Eu vou ver no dia se vou mesmo, se vai valer a pena ir, porque tenho feridas que as pessoas podem estar tocando. E vou me sentir rejeitada porque vou ser a única transexual a ir de JF [7]. Não vai ser legal, não vou me sentir bem se for com barba, porque não gosto de acordar cedo pra fazer – a viagem tinha saída marcada para as seis da manhã – vai ter que fazer no dia anterior, aí de um dia pro outro já vai crescer, né ?[8]”.*

Estas falas são importantes para que se compreenda as divergências que existiam intra grupo antes da presença do Núcleo PPS naquele 7º Encontro de Travestis e Transexuais da Região Sudeste. Mesmo que na análise destas situações conflituosas existam limites em virtude de eu ter acesso apenas a fala de Beatriz, eu pontuei algumas considerações a respeito. O primeiro ponto é para reforçar o que foi discutido anteriormente, Beatriz ainda estar com “barba” não era uma questão da responsabilidade dela, inclusive já era um procedimento que o Processo Transexualizador deveria ter garantido.

Os pontos 2, 3, 4 e 5 se relacionam, Beatriz naquele ano de 2012, enredada em um contexto médico patologizante entendia existir uma identidade que representasse uma unidade, a unidade da categoria “transexuais” que era aquela que validava, inclusive, o atendimento pelo SUS e pela qual se sentia representada. Assim, as demais, presentes no grupo, não eram compreendidas por Beatriz como “transexuais” e, ao mesmo tempo, ela não se identificava com as colegas. Principalmente porque suas colegas não reivindicavam nenhuma classificação, o que para Beatriz era uma necessidade.

Os pontos 6 e 8 suscitam novamente o sofrimento de Beatriz pela fragmentação entre corpo e rosto, e em especial o 8 evoca como a “barba” opera como um limite na decisão de Beatriz ao se ver confrontada com a necessidade de sair de casa. E o 7 carrega a compreensão daquela unidade da categoria “transexual” e diante da falta de afinidade e identificação com suas colegas do grupo, era suscitado em Beatriz um medo, proveniente dos resquícios do “casulo”, da iminente possibilidade de isolamento social.

No entanto, estas expectativas não se concretizaram, Beatriz foi ao 7º Encontro Regional Sudeste de Travestis e Transexuais que ocorreu de 06 a 10 de maio de 2012 na

---

<sup>2</sup> Expressão que segundo Beatriz aprendeu com sua psicóloga como um meio de ponderar sobre suas decisões e atitudes.

Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte. E no dia 13 daquele mesmo mês marcamos de nos encontrar, ambas estávamos ansiosas, ela para contar e eu para saber. Quando voltou do encontro não estava se contendo em euforia e me disse que tinha muitas novidades referentes à viagem, e pela primeira vez marcamos um passeio em um lugar público, no parque do Museu Mariano Procópio, assim que nos vimos disse-me com a maior cara de contente: “*Estou fazendo um sucesso!*”

Depois disso andando dentro do parque, Beatriz foi dando passos largos com uma sandália estampada e um lacinho dourado, dizendo que queria ver os cisnes que tinham criado filhotes, ela conhecia, e conhece, tudo naquele parque. Enquanto andávamos, ou melhor, corríamos, ela foi falando ininterruptamente com a saia do vestido indo de um lado pro outro, ainda não a tinha visto com um vestido como aquele. E falava numa fluidez e empolgação, também incomuns, retomando o seu sucesso e narrou:

*Na rua quando vinha para cá dois homens mexeram comigo, um falou: ‘nossa assim você mata papai!’ Ah agora eu tô vendo como é bom sentir isso! Tão bom para a autoestima... Pessoas elogiando a minha beleza! **Tô adorando essa minha fase piriguete! Piriguete comportada!**[1]”* Continuou contando sobre o evento: “*Esse encontro em Belo Horizonte dividiu minha vida entre antes e depois dele, foram muitos relatos de vida, experiências que consigo ver a importância de cada vez mais me inserir no meio* [2]. *Foi uma revolução na minha vida!* (Beatriz, 13 de maio de 2012)

Ela interrompeu sua própria fala e começou a cochichar comigo:

*Engraçado tô reparando uma coisa: os homens estão me olhando, me cumprimentando, olham para as minhas pernas... [de repente como se tivesse se lembrado de algo muito importante mudou o assunto] Hun! Meu pai deixa eu te contar! Eu vesti esse vestido, aí fui mostrar pra minha irmã ela disse que estava curto e me ofereceu um shortinho para colocar por baixo... Aí veio meu pai: “tá muito curto, tá muito curto”. Aí eu respondi pra ele que o corpo era meu pra me deixar em paz... **Andei coberta de pano minha vida toda agora me deixa se tá me fazendo bem! Já tô bem adequada visualmente! Quando eu fazer o laser e tirar o pomo vou sair voando. Tá calor, tô com pouco pelo? Vou usar vestido curto. Tenho as pernas muito chamativas** [3]. Ah quando eu fui sexta-feira a pé para a universidade pra reunião... Tinha que ver: e buzinaaram pra mim, e fizeram fiu fiu, viraram o pescoço! Um rapazinho apertou o sinal, o semáforo pra mim! É muito bom auto estima! **Tô adorando essa fase!** (Beatriz, 13 de maio de 2012).*

Contou que no fim de semana havia ido ao Shopping, e estava de “barba”, o que ela aproveitou pra dizer que os pelos estavam cada vez mais enfraquecendo, mas de que de “roupa masculina” não dava pra ir:

*Então resolvi ir de barba e de piriguete: short e blusa bem estilosa, muito bonitinha. **Ninguém ficou olhando escandaloso pra mim** [4]. Comprei meu primeiro legging, minha mãe me deu. Comprei uma moleca com saltinho, quero descer do salto não! E comprei um casaquinho que tá aqui na minha bolsa. **Percebi que minha mãe quando eu não tava adequada visualmente***

*ela não insistia muito pra eu ver e comprar as coisas, agora ela faz que nem com a minha irmã, me oferece.[5]*

Assim, suas perspectivas negativas em relação ao Encontro, em específico sobre sua rejeição como única transexual de Juiz de Fora foi dando lugar às possibilidades de trocas de vivências que despertaram nela a vontade de pertencer aquele “meio” construindo laços e afinidades que fizeram, inclusive, com que Beatriz criasse um facebook para manutenção dos contatos [2]. Outro aspecto notado foi de Beatriz passar a se sentir mais segura em relação a sua sexualidade, e ficar otimista quanto ao restante dos procedimentos de transformação corporal [3]. Estes aspectos tiveram repercussões nas negociações com a sua família em relação as roupas tanto no sentido de permitir Beatriz de se impor mais, quanto no sentido de ter reconhecida sua vontade, como se observa nos itens 3 e 5.

## **Transicionando 2: Beatriz na universidade... Na militância universitária**

O ano de 2013 é importante para o processo de transincorporação de Beatriz porque em janeiro realiza a cirurgia e, principalmente porque realiza a depilação a laser dos pelos faciais. É o ano em que realiza sua festa de aniversário em casa aglutinando pessoas conhecidas ao longo de sua trajetória de vida, do Núcleo PPS, do extinto Mudd\*Se e de pessoas que passou a conhecer por meio de uma rede informal que participava com as servidoras do SUS em Juiz de Fora. No início do ano de 2014 o VisiTrans é criado e, em meados daquele ano, Beatriz entra para o recém criado Coletivo “Duas Cabeças”. No final daquele ano, ela participa de sua primeira mesa de debates na UFJF, em que é discutida a questão das vivências trans em virtude da proposição do nome social na universidade.

A cirurgia de transgenitalização de Beatriz foi realizada em 25 de janeiro de 2013 e a resposta do processo da depilação a *laser* da barba saiu em maio de 2013, a contragosto dela porque tinha a vontade de já estar sem barba para cirurgia, segundo ela referindo-se a isso: “*Não tinha ninguém que nem eu assim, com barba*”. Eu me ofereci para ser sua acompanhante no procedimento cirúrgico e estive com ela durante os cinco primeiros dias da internação, foi no terceiro que operou.

E neste mesmo ano de 2013 novas amizades começaram a despontar, embora a amizade que permaneceu mais forte do Núcleo PPS foi da orientanda, também mulher trans, que depois viria a compor o VisiTrans. Logo depois da cirurgia, uma moça trans,

R<sup>3</sup>. foi visitar Beatriz em sua casa, e se tornaram amigas. E por meio dessa conheceu outra moça trans, S., porque moravam juntas. Beatriz me contou que R. lhe procurou no início do mês de maio por indicação da Assistente Social do COAS (Centro de Orientação e Apoio Sorológico). As três começaram a combinar saídas e Beatriz passou a visitá-las principalmente depois quando cumpriu etapas que considerava relevantes para sua “*adequação visual*” em especial aquela que extinguiu suas restrições relativas à barba.

Em virtude destas saídas, foi que em agosto daquele ano de 2013 combinaram de irem as três juntas no 16º Rainbow Fest, que comporta a 11ª Parada Gay de Juiz de Fora que seria dia 18 de agosto. Em uma noite do festival foram para o Terreirão do Samba onde acontecia o “Cidade Rainbow”. Beatriz contou que foi com elas e houve um episódio que ela classificou de homofobia com um amigo das meninas que conheceu durante a festividade.

*Empurraram o T. , um cara quase derrubou ele da ponte, um cara que passou correndo. Por que ele quis começar a dar pinta indo pra frente da gente. Ai um cara veio correndo e quase derrubou ele lá em baixo, da ponte no rio. Foi um susto, todo mundo assustou naquele dia. E aí ele ficou segurando na mureta se ele não tivesse se segurado ele teria caído. Aí o cara sumiu. [Beatriz, agosto de 2013]*

Beatriz insistiu para que eu fosse com elas na 11ª Parada Gay, mas acabei ficando pouco tempo, estavam em três Beatriz, S. e a amiga trans do Núcleo PPS, embaralhadas no meio da multidão que tomava o calçadão da Rua Halfeld e a rua perpendicular onde o trio se localizava, a Av. Rio Branco, bem no cruzamento mais central da cidade. Beatriz estava vestida com uma blusa bem colorida tipo tomara-que-caia com listras na horizontal em amarelo, rosa, azul e vermelho e com saia jeans justa e curta. Estava um dia quente, Beatriz era só sorriso, andávamos de corrente segurando as mãos uma das outras, brincando e dançando. E então perguntei pra ela algo que havia me instigado de quando a gente se conheceu, se ela não tinha muito interesse pelo Rainbow Fest e a Parada, e ela me respondeu:

*Não é que eu não tinha interesse, era aquela questão da barba mesmo que me impedia de sair todos os dias então tinha que fazer escolhas, né? Difícil sair e tal. Porque eu cheguei a ir na Parada Gay umas duas vezes sozinha, no Rainbow Fest também, só não me socializava. [Beatriz, agosto de 2015]*

Neste recorte, reforço o papel que a barba tinha de cercear Beatriz das possibilidades de fazer amigos e de se divertir. Como ainda evoco esta edição da parada

---

<sup>3</sup> Sobre R. e S. houve outros aspectos que eu poderia abordar mas que ficam restritos por conta do não consentimento delas. Contudo não poderia deixar de registrar a passagem delas pela vida de Beatriz.

como forma de comparar com a forma que Beatriz se expressa nas de 2014, que veremos abaixo e na de 2015 quando defenderia a posição de que “falta militância na Parada”.

Já no ano de 2014 Beatriz também começou a se sentir animada para conhecer mais pessoas e passou a frequentar o Movimento Gay de Minas (MGM) Organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) que promovia as Paradas Gays de Juiz de Fora desde 2000. Certa feita me contou sobre o motivo de voltar a ir lá:

*Ah, foi para poder conhecer pessoas, para sair um pouco de casa. Porque estavam tendo reuniões as quintas-feiras, né? Depois o pessoal ficava ouvindo música, curtindo uma ali no bar. Eu tava indo pra poder sair de casa, conhecer gente, distrair um pouco”. [Beatriz, dezembro de 2015]*

Aliás, com este mesmo propósito de conhecer pessoas entrou para militância no “Coletivo Duas Cabeças”, movimento de militância que havia sido recentemente criado em 14 de agosto de 2014 por estudantes da UFJF. Mas retornando às idas de Beatriz ao MGM em virtude dos preparativos do 17º Rainbow Fest, marcado para acontecer de 21 a 24 de agosto, sendo no dia 23 de agosto a 12ª Parada do Orgulho Gay de Juiz de Fora, o movimento estava recrutando voluntários para trabalhar no festival. Beatriz, que estava frequentando a OSCIP, se candidatou e de fato participou como voluntária na organização. Durante a 12ª Parada Gay de Juiz de Fora, assim como outros militantes, Beatriz foi chamada para falar no trio elétrico. O diretor do MGM, a apresentou como “*representante das transexuais da nossa cidade*”. Dessa maneira Beatriz lá do alto do trio pronunciou um pouco embaraçada pelo nervosismo de estar falando para tantas pessoas:

*Boa tarde a todos e todas! Meu nome é Beatriz, sou uma mulher transexual feminista, ativista e militante. Operei no início do ano passado graças ao Ministério da Saúde que oferece cirurgia! Toda transexual e todo transexual tem o direito de operar pelo SUS e tem direito de ser respeitado e respeitada por sua identidade de gênero. Quero falar também que as travestis merecem muito, muito respeito mesmo e que nós estamos aqui em solidariedade a todos, a todos LGBTs! [Beatriz, 23 de agosto 2014]*

Logo no início do ano de 2015 acompanhei Beatriz em algumas das reuniões do VisiTrans, e em 23 de fevereiro pude observar que estava elaborando uma releitura de seu corpo, de sua performatividade de gênero, em sua percepção pela militância, na discussão do grupo esta foi uma de suas falas:

*Pomo-de-adão é uma coisa que não me incomoda mais. Eu tenho que mudar por outras pessoas? Minha presença, as pessoas perceberem [pôs as pontas dos dedos no pomo-de-adão o indicando] será que não é importante para questão de militância. [Beatriz, 23 de fevereiro de 2015]*

### **Transicionando 3: da “aberração” à “bruxa”**

Beatriz militou em meados de 2015 nas manifestações entre 18 de junho e 02 de julho como representante do Coletivo Duas Cabeças (CDC) e do VisiTrans na Câmara Municipal de Juiz de Fora pelo “Estado Laico”. A reivindicação era pela permanência e aprovação do texto original e integral do Plano Municipal de Políticas Públicas para as Mulheres, sendo assim contra discursos religiosos de “fundamentalistas” sobre uma pretensa “ideologia de gênero” presente nas diretrizes dos planos de educação e das mulheres.

E, em virtude desta militância, estreitou laços com o Movimento Ocupa UFJF. Ainda conhecendo coletivos feministas como o “Maria Maria: mulheres em movimento” e o “Terra Roxa”. Inclusive um coletivo do movimento negro o “PretAção”. Ainda em decorrência dos efeitos desta guerra, em 14 de julho militou na “contra-manifestação”, intitulada “Em defesa da Família e do Amor”, em oposição ao ato organizado pela Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora “Eu sou a favor da família e contra a ideologia de gênero”.

Toda esta vivência militante, em especial o que ocorreu nesta guerra sexual, Beatriz irá externar ao complementar seu prenome como *mulher trans, feminista, militante, guerreira, descendente de índios e com orgulho de ter sangue baiano correndo nas veias!!!* [Beatriz comentário no grupo do facebook 12 de julho de 2015].

Esta autodenominação de identidade por Beatriz repercutiu na Conferência Municipal das Mulheres em agosto, na qual participou como representante do VisiTrans, e na Conferência LGBT de Juiz de Fora organizada em setembro pelo Coletivo Duas Cabeças quando ela ocupou um lugar importante na organização que consistiu, além do aspecto estrutural do evento, em sua participação na mesa de abertura ao lado do representante do município, de representante da comissão de direitos humanos da OAB e do representante do Movimento Gay de Minas. E ainda foi monitora de um dos grupos de discussão.

Em especial o que houve durante o ano de 2015 que relacionou Beatriz e militância repercutiu em sua participação na 13ª Parada do Orgulho Gay de Juiz de Fora em outubro dentro do 18º Rainbow Fest, cujo tema daquele ano era “Pelo respeito às nossas famílias”, em alusão ao projeto de lei do Estatuto da Família, e aos confrontos em torno da inclusão do tema do gênero e da sexualidade nos planos municipais.

Em virtude da parceria do CDC na organização do 18º Rainbow Fest, Beatriz havia comentado que estava com o propósito, já que estava focada na militância, de “causar” na Parada com algo próximo a encenação da Parada Gay de São Paulo ocorrida aos 07 de junho daquele ano. Contudo resolveu mudar de ideia e ser solidária aos homens trans do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades, o IBRAT<sup>4</sup>

*Foi porque na Parada LGBTI de São Paulo, em que aquela modelo trans encenou a crucificação né? E foi tão criticada... Eu pensei, eu não vou fazer algo que ela já fez e que foi tão criticada porque vão falar que eu copiei a ideia dela. Só que nesta mesma parada, os homens trans do IBRAT foram com uma faixa pedindo visibilidade para os homens trans lá. Falando do IBRAT, e muitos foram assim com peito, com o peitoral amostra mesmo. Antes mesmo da cirurgia e com os mamilos tampados ou com adesivo ou pintado, mesmo os que tinham bastante. E eu falei: Gente! [eufórica]. E eles foram corajosos. Porque os que já fizeram a cirurgia, exibem o peitoral de qualquer forma. Só que eles foram como ato político, para mostrar que eles são homens e tal. Inclusive foram assediados e criticados. E eu achei a ideia maravilhosa e quis fazer também, embora eu não tenha silicone. Pensei que se eu tivesse silicone ia escandalizar mais e quis fazer como forma de dar visibilidade também. Porque quando você desnuda o corpo, né? Por mais que eu não tivesse silicone... Acho que se eu tivesse ia ser mais polêmico. [Beatriz, dezembro de 2015]*

Pensando nisso, Beatriz encomendou um tapa seios e torcia ansiosa para que chegasse a tempo. Ainda pensou em comprar um pingente de pentagrama para usar no pescoço, “o maior que eu encontrar”. Ela também pensou em escrever no seu corpo a famosa enunciação de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se”. E ainda em virtude de sua oposição a onda cristã conservadora e fundamentalista daquele ano: “Descendemos das bruxas que a igreja não conseguiu queimar”.

Beatriz combinou com todo mundo como ponto de encontro o Parque Halfeld, para irmos para Parada e de lá seguiríamos até o trio, cujo ponto de partida era no início da Av. Getúlio Vargas com roteiro até a Praça Antônio Carlos, onde estava acontecendo as noites do Cidade Rainbow. Aguardei ali uns dez minutos a chegada de Beatriz e, logo ela veio atravessando a Rua Halfeld junto de um amigo, membro do Coletivo que estava vestido como mulher e de R..

Ainda estava de blusa, quando se juntou a nós a retirou e entregou um batom na minha mão e disse: “Você escreve pra mim?” Fiquei sem reação de tão entusiasmada e respondi: “Com certeza! O que você quer que escreva mesmo?”. Ela ditou o que queria, Beauvoir, ela pediu pra que eu escrevesse na frente, no tórax, seios e barriga. E na parte de trás a outra. Estávamos todos eufóricos e partimos rumo ao trio em bando conversando

---

<sup>4</sup> Instituto Brasileiro de Transmasculinidades, ver <http://institutoibrat.blogspot.com.br/>.

e nos divertindo. Assim, Beatriz estava com uma saia longa que se agitava indo a caminho do trio, com os cabelos soltos estampando pela principal avenida da cidade as frases inscritas no seu corpo seminu.

Ao alcançarmos o trio, ainda parado, embora já houvesse iniciado a abertura do microfone e algum som estava tocando, encontramos uma sombra e ficamos por ali onde encontramos mais pessoas conhecidas que se juntaram a nós. Entre eles um rapaz responsável por fotografar e filmar Beatriz durante a parada para um documentário do Núcleo PPS. Tirou muitas fotos dela conosco e ficou com a gente até o final.

A Rainha da Parada fez um discurso sobre família, tema do festival aquele ano e fazendo interseção com sua religiosidade em relação a nossa senhora Aparecida, cujo dia seria o seguinte, de quem era devota e por meio da qual sempre teve suas preces atendidas. Quando o pessoal em cima do trio avistou Beatriz a chamou para dar umas palavras também e depois, em outra entrevista, me explicou sobre o que falou:

*Eu falei da perseguição aos planos pelos fundamentalistas religiosos. Eu lembro que eu falei que eles tinham que respeitar a gente, inclusive nós temos religião, inclusive eu sou espírita. E também temos família, e toda família é legítima. Então a parte da religião foi isso, eu falei que a gente tem religião. Porque muitos tem religião e de qualquer maneira eles tinham que respeitar a gente. [Beatriz, dezembro 2015]*

Assim que terminou a fala se fez fotografar com algumas pessoas lá em cima e retornou para rua junto de nós, alguns meses depois fomos conversar sobre suas manifestações que se sucederam quando desceu do trio e descontraída contou:

*O trio demorou a andar. E depois eu até brinquei que ele tinha sido sabotado e tal... Aí eu fiquei abençoando ele com o pentagrama. Fazendo o pentagrama pra ele andar, fazendo o pentagrama pra ele andar, fazendo o pentagrama pra ele andar, fazendo, fazendo... E aí quando eu dei de cara com a igreja evangélica eu, né? Eu fui lá e rodei! [Beatriz, dezembro 2015]*

Na tentativa de fornecer mais detalhes sobre a expressão “*Eu fui lá e rodei*”, vou retomar a “benção” de Beatriz ao trio. Estávamos mesmo já achando que havia sabotagem no trio em virtude do que havia acontecido no ano passado em que a Parada teve de cancelar seu percurso pelas principais avenidas da cidade e teve que ficar estacionada no calçadão da rua Halfeld. Mas ao mesmo tempo estávamos lá nos divertindo e dançando. E na dança Beatriz fazia o gestual do pentagrama de forma rítmica à música e, enfim, o trio saiu do lugar. Passamos a andar em sua frente pela Av. Getúlio Vargas, algumas pessoas pediram para se fazerem fotografar com Beatriz. Aquela membra do VisiTrans tirou fotos com Drag Queens, e eu mais ao lado dos meninos, porque Beatriz estava sendo

filmada. Eis que em um momento próximo à Rua Halfeld, o membro do CDC vestido como mulher, ergue Beatriz na cacunda e a carrega por uns 100 metros. No momento súbito da pegada ela ri, acredito que deva ter sido numa mistura de medo de cair e êxtase tentando arrumar a saia longa que se embolava no rapaz. Beatriz contou que ao monta-lo, lhe deu um nome, e me disse também de sua vivência naquela Parada:

*Dei o nome de Jaçanã da Gameleira. Nossa achei muito legal ele ter me colocado em cima dos ombros e tirar foto. Tirei foto em frente ao carro da polícia. Pra provocar também porque a polícia bate, espanca travesti, estupra, né? Nossa eu fui pra militar e achei que a militância ali na Parada extrapolou minhas expectativas. Eu subi no trio, falei. Chamou muita atenção também, eu fui nu, digamos assim né? Ai o pessoal veio me parabenizar. Pela coragem e tal. Isso foi muito legal. [Beatriz, dezembro 2015]*

Então, ainda no alto, sobre o amigo e saia arrumada, teve o alívio de levantar os braços e sorrir. E uns passos pra frente, depois de descer do ombro do amigo, como Beatriz mesmo disse “deu de cara com a igreja evangélica e rodou”. Ela girou seu corpo em torno de si, abriu os braços e com aquela maquiagem pesada, e rosto raivoso, como um leoa rugiu repetidas vezes: “*Queimem as bruxas! Queimem as bruxas!*”. Eu não esperava que ela fizesse isso, nem os dois rapazes seus amigos que estavam comigo e nem ela premeditou este ato como depois me contou.

Beatriz entoando aqueles gritos, enquanto a igreja, que estava em vias de realizar o culto aguardando a chegada dos fiéis. Logo um senhor saiu pela porta, que estava fechada pelo ar condicionado e com o olhar tentou persuadi-la a parar. Ao que Beatriz retrucou o encarando no rosto com as mãos e braços estirados para atrás de si e com um movimento que se inclinava para frente: “*Eu sou manifestante, eu estou no meu direito, a rua é pública!*”. O moço fechou a porta da igreja e logo depois chegaram a cavalo dois policiais. Emparelhados lado a lado e ainda cavalgados se dirigiram a Beatriz: “*Isso é falta de respeito! Melhor você parar!*”

Nisso, eu medrosa, falei com os meninos de darmos um jeito de retirá-la de lá para que não sofresse uma repreensão mais dura. Jaçanã da Gameleira estava próxima dela eles me lembraram, eu fui me aproximando mais e pude ver que o rapaz da filmagem para o Núcleo PPS estava lá registrando tudo e me aquietei e me posicionei mais perto, e fiquei a observando num misto de preocupação e admiração por sua coragem. Vi uma senhora passando pela calçada indo em direção a Beatriz, a abraçou e tentou convencê-la de sair de lá. Os gestos de Beatriz foram no sentido de acalmá-la e insistir que ficaria ali. E tornou a falar dirigindo-se aos policiais com a voz firme e alta como se rugindo para espantar

todos eles: “*Não é falta de respeito! Eu sou manifestante eu tenho direito, a rua é pública!*”

Diante do que Beatriz provocou e fez acontecer pessoas que estavam seguindo o percurso na Parada começaram a prestar a atenção nela. E ela direcionava à igreja os seus gritos jogando na cara dos religiosos as consequências do ódio que incentivavam em seus fieis contra pessoas LGBTIs, que por conta disso eram violados e tolhidos por injúrias e constrangimentos. As pessoas da Parada Gays que escutavam Beatriz começaram a bater palmas, entre elas algumas se deslocaram até ela para a agradecerem pelo que estava fazendo e queriam abraçá-la, como forma de manifestar que estavam acolhendo e concordando com sua atitude. Beatriz então, por ela mesma decidiu encerrar seu ato militante e juntar-se a nós novamente, e também a abraçamos e a parabenizamos pela força e coragem. Quando chegou a minha vez de abraçá-la, relatei o medo que senti por ela, e me respondeu que não havia nada que os policiais pudessem fazer porque ela estava no direito dela de se manifestar como militante.

No final do ano de 2015, na entrevista que fizemos ela se expressou sobre o que fez:

*Eu acho que eu fiz uma coisa que todo mundo sempre teve vontade de fazer e não teve coragem. Então as pessoas se sentiram representadas. As pessoas que estavam na Parada. Porque as pessoas que estavam dentro da igreja não gostaram não [risos de satisfação com sua própria ironia]. E nem os policiais [idem]. Sinceramente é uma coisa que eu me orgulho muito de ter feito porque: “Ah Beatriz, sua narcisista!” [falou como se fosse uma terceira voz falando a respeito de si]. Não, não foi por isso porque... Gente, os policiais já espancaram tanta mulher trans, tanta travesti, tanto homossexual. Que só de eu pensar que não aconteceu nada comigo, isso é muito interessante. E com certeza eles tinham vontade de fazer isso. Então assim eu acho que o espírito das trans, das travestis, dos homossexuais que morreram na luta, devem tá assim... Lavei a alma de todo mundo! (Beatriz, dezembro de 2015).*

### **À guisa de conclusão**

Quando Beatriz faz-se presente em todos esses espaços de militância torna-se evidente a sua transincorporação. E ao mesmo tempo questiona a ordem cisheterossexual, quanto a reitera considerando “atípica”, “anormal” ou como a injúria a que foi dirigida no último dia de manifestação na Câmara Municipal para Beatriz: “aberração da natureza”. Ao mesmo tempo para Beatriz, essa linha tênue só tornou-se superada ao seu favor quando, principalmente, realiza a depilação a laser da “barba” e este procedimento estético a faz sentir-se segura para ingressar na militância, segura porque a ausência dos pelos faciais não põe em questão sua mulheridade.

Quando este processo de superação passa a pender mais para a desestabilização da ordem, é também quando Beatriz ao apreender as discussões da militância e agencia sua transincorporação e a usa a seu favor, por isso insiste e decide pela permanência do pomo-de-adão como forma de visibilidade, o ressignificando de marca masculina que denuncia sua “inadequação visual” para a denúncia da existência de pessoas trans. Ao mesmo tempo, um segundo passo deste processo, ocorre depois de adquirida sua afirmação pelo pomo-de-adão, Beatriz consegue ressignificar a injúria reelaborando a inscrição dela em seu corpo e em sua identidade como um ato seu de contestação ao que é considerado “não-aberrante” como as posturas lgbtfóbicas do representante católico e dos representantes políticos da câmara municipal aos quais, então Beatriz, se opõe como bruxa.

Assim estes deslizamentos e ressignificações não refletem ainda em uma transautonomia (BUTLER, 2009) porque não possuem uma adesão e compreensão para além da esfera dos sujeitos que realizam essas duas operações em suas autodenominações. Como coloca Preciado (2014) o corpo só tem sentido enquanto um corpo sexuado, logo a “barba” e o pomo-de-adão não são prioritários naquela mesa de operações da tecnologia sexual da transincorporação de reatribuição de sexo. Contudo na compreensão de Butler (2009) sobre as ações difusas que provocam essas operações, a ação de Beatriz durante a Parada Gay de 2015, soma-se a outras como as da Parada Gay de São Paulo que mudam também a realidade das tecnologias de atribuição de sexo provocando paulatinas fissuras na compreensão de totalidade corporal em direção à possibilidade de autodenominação de gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÁN, Tamara. Un ensayo de determinación de la situación actual del problema a la luz del examen del derecho comparado. *In*: Arilha, M.; Lapa, T.S.; Pisaneschi, T.C. (orgs.). **Transexualidade, travestilidade e direito à Saúde**. São Paulo, Oficina Editorial, 2010. 376 p.; 23 cm;

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 [ 1 ]: 95-126, 2009.

PRECIADO, B.P. **Manifesto Contrassexual**. Editora: n-1, 2014

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.